

# CELIBATO, PROSTITUIÇÃO E REPRESENTAÇÕES: O PADRE JUNKERSFELD E O COMBATE ÀS "CASAS DE PERDIÇÃO" EM XANXERÊ NA DÉCADA DE 1950

Anderson José Guisolphi<sup>1</sup>

## RESUMO

O ensaio versa sobre as ações do Padre Josef Junkersfeld, primeiro padre residente em Xanxerê, em 1950, no combate às casas de prostituição locais. A proposta evidencia que as atitudes do Padre o levaram a conflitos com os moradores da vila de Xanxerê. Metodologicamente, enumeraram-se os eventos narrados pelo Padre Junkersfeld e seu sucessor, Padre Luiz Heinen, no Livro Tombo da Igreja de Xanxerê, ao qual se teve acesso e foi utilizado como principal fonte de análise. Pretendeu-se construir uma narrativa emprestando conceitos de Roger Chartier, em *O mundo como representação*, e de outros autores, na busca de entendimento dos conflitos do Padre com os moradores enquanto colisões das diferentes representações de catolicismo.

Palavras-chave: Catolicismo. Prostituição. Representações culturais.

## 1 INTRODUÇÃO

Optamos metodologicamente pela pesquisa documental, tomando como fonte o Livro Tombo, números I e III, mantido no arquivo da Paróquia Senhor Bom Jesus de Xanxerê, SC, cuja consulta foi disponibilizada para a pesquisa. O Padre Junkersfeld foi minucioso no registro dos acontecimentos da paróquia que estava sob sua direção, fazendo do Livro Tombo um verdadeiro diário antropológico, o que nos permitiu acessar a narrativa dos conflitos sob a ótica dele. Seu sucessor, Padre Luiz Heinen, dedicou algumas páginas no Livro Tombo III para construir uma representação do Padre Junkersfeld.

Nos documentos podemos enumerar entre os conflitos: a tentativa constante de fechamento dos estabelecimentos de prostituição locais; a disputa de poder com o padre auxiliar (vigário); tensões com os representantes dos fiéis da comissão diretora da paróquia; intrigas, acusações e conflitos com as freiras Irmãs de São José. Para o presente artigo nos limitaremos a analisar as ações de combate às casas de prostituição.

Aportamo-nos em Chartier (1990, 1991) e em seu conceito de representação por este autor contribuir no entendimento do tipo de fonte utilizada: o Livro Tombo. Em direção oposta às tradições historiográficas tidas como conservadoras, que tomam o documento como verdade, o texto escrito nos permite, segundo Chartier (1990, 1991), buscar evidências entre o mundo do texto e o mundo do leitor, apontando entre essas variáveis a construção do sentido.

## 2 COLONIZAÇÃO E CONTEXTO

Na década de 1940 a colonização do Oeste catarinense foi efetivada por empresas colonizadoras particulares. Tal espaço geográfico havia sido ocupado em outras épocas por povos indígenas e por luso-brasileiros (caboclos). Havia algumas famílias residentes em Xanxerê, descendentes dos grupos anteriores. A vila de Xanxerê foi fundada em 1882 por sediar a Colônia Militar Chapecó, desativada no início do século XX. Em decorrência da expansão da área colonial

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo; Especialista em Arqueologia pela Universidade Regional Integrada; Docente na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê e de Chapecó; anderson.guisolphi@unoesc.edu.br

procedente do Rio Grande do Sul para o Oeste de Santa Catarina, destaca-se a importância da Igreja para os colonizadores. Os imigrantes encontraram em Xanxerê uma antiga capela de madeira, provavelmente do período da Colônia Militar. Para os novos moradores, tornou-se prioridade a construção de uma capela nova e maior.

Até 1950, não houve a presença de padre que residisse em Xanxerê. Segundo Oro (1997): “A Paróquia de Xanxerê foi criada oficialmente em 1959, mas desde 1920 a religião (sic) católica se fazia presente na região. Conforme o livro de crônicas da paróquia, Xanxerê era um lugar atrasado e pobre.”

Os imigrantes trataram, em meados de 1950, de se organizar para a construção de uma nova capela e de solicitar um padre residente. Tais ações apontam uma desconsideração da religiosidade desenvolvida no vilarejo até então. Os antigos moradores, luso-brasileiros, descendentes de tropeiros ou antigos moradores da Colônia Militar, que construíram e mantinham a capela com suas práticas católicas devocionais, eram quase independentes da liderança de padres, que os visitavam esporadicamente. Portanto, podemos afirmar que para os antigos moradores a representação de catolicismo era divergente da identidade religiosa dos ítalo-gaúchos. Embora ambos os grupos se identificassem com o catolicismo, para os últimos, suas práticas religiosas dependiam da liderança do padre.

Como resposta do Bispo Dom Carlos Sabóia Bandeira de Melo, da Prelazia de Palmas, PR, jurisdição eclesiástica à qual Xanxerê pertencia à época, em 1950, foi enviado o primeiro padre residente em Xanxerê, Padre Josef Junkersfeld, conhecido como Padre José ou, até mesmo, como o padre “né”, apelido recebido em razão do seu cacoete em terminar as frases usando tal termo como marcador de linguagem.

Nascido na Alemanha, na cidade de Brühl, no dia 01 de junho de 1914, foi perseguido na II Guerra Mundial e preso pela Gestapo em 1943, pelo menos em sua versão, ficando um ano em uma prisão nazista na Checoslováquia. Depois de libertado foi vigário dos refugiados de Guerra até 1945, indo para a Baviera, onde permaneceu até 1949. Em 1949 veio para o Brasil, indo inicialmente para Juiz de Fora (MG), onde fez curso de língua portuguesa. Foi trabalhar em Vitória (ES), onde foi capelão até 1950. Em 01 de agosto de 1950 foi nomeado vigário de Xanxerê, trazendo para a Cidade também sua mãe, Dona Sofia, de 68 anos, que foi sua cozinheira (ORO, 1997), e o padre Clemente Kampmann, vigário de Faxinal dos Guedes, cidade vizinha.

Apresentamos nosso principal agente, o Padre Junkersfeld, transcrevendo as impressões que dele ficaram ao Padre Luiz Heinen, que o sucedeu depois de ter deixado a Cidade de Xanxerê, no sentido de compreendermos os mecanismos de produção de representações na escrita:

Pe. José [Josef Junkersfeld] nada falava em português. Nas primeiras semanas nada disse na Igreja, nem uma oração. Esforçado para aprender, começou aos poucos nas capelas, depois também na Matriz, lá por setembro. Em dezembro já falava bastante bem. Sem condução própria, e sem saber lidar com cavalo, era difícil atender as capelas: condução especial saía caríssimo para as capelas; com chuva sempre falhava. Além de algumas manias de homens que estiveram na guerra, Pe. José era exigente na comida, no conforto, vida social com mais liberdade. Tinha suas queixas contra o Bispo, pois queria ser vigário. Contra mim, por ser vigário, sendo 12 anos mais novo que ele; aos poucos foi envenenado pelo Pe. Afonso, vi vários recados escritos neste sentido. Em outubro pediu para assistir o Congresso Eucarístico de Curitiba, mas foi a Laranjeiras, combinar sua ida à terra da promessa, atrás dos outros 3 padres alemães. Fez questão de não se encontrar mais comigo, ficando o dia inteiro pela vila ou fechado no quarto, quando eu estava aqui nos últimos dias. Ao sair deixou grande despedida: “Pe. Luis! Ids verlasse Xanxerê. Die Gründe nverden Ihnen nicht unbekannt sein!!! Pe. Josef.” Deixou em dia as missas, mas levou dinheiro meu e da Igreja, conforme folha 2 do livro caixa. Quando já falava bem, podendo pedir Paróquia, saiu. Que bons ventos o levem! Tive uma pequena desavença só, de 10 minutos. (HEINEN, 1997, p. 26).

O texto aqui transcrito foi registrado pelo sucessor do Padre Junkersfeld, e, portanto, torna-se necessário apontar sua tentativa de demérito do padre que o antecedeu à Paróquia de Xanxerê. Apontamos que o Padre Junkersfeld estudou português antes de ser enviado à Santa Catarina. Essa informação tem forte evidência de confirmação nos Livros Tombos por ele escritos: letra caprichada, em bom português, sem erros de ortografia e concordância.

Seu sucessor, o Padre Luiz Heinen, escreveu, ainda,

O Livro Caixa da matriz também foi examinado. É difícil julgar muitos lançamentos duvidosos, por falta de clareza e comprovantes. Achei erros grandes de soma, subtração e de lançamento, mais a fa-

vor da Igreja do que contra. [...] As contas duvidosas não paguei, mas remeti ao Pe. José Junkersfeld. (HEINEN, 1997, p. 33).

Revelam-se constantes disputas e dissonâncias entre os membros do clero. Um campo de disputas por posições de destaque e liderança, longe de ser uma homogeneidade e coesão religiosa.

Entre os relatórios administrativos da Igreja, no Livro Tombo, no período em que o Padre Junkersfeld foi vigário em Xanxerê, chama-nos à atenção o combate do Padre à prostituição:

Semana Santa foi comemorada condignamente, com grande afluência popular [...] Na procissão de noite, explicando a Via Sacra, fiz o primeiro apelo público e solene contra o comércio de carne humana, nas casas de tolerância, a vergonha nº 1 de Xanxerê. Todas as pessoas de bem gostaram. Em breve algumas autoridades, fabriqueiros e eu, fizemos um pedido ao Juiz da comarca, pedindo que cortasse os abusos durante o dia na zona das casas. (JUNKERSFELD, 1954, p. 5).

Para o Padre, seria um dever fechar essas casas. Seus apelos aos católicos por meio dos sermões das missas eram constantes, como relatou no Livro Tombo n. III, p. 16. Também houve conflito com o referido grupo de moradores, por sua tentativa de fechar uma das numerosas casas de tolerância existentes na vila. Em 1997, o então Vigário de Xanxerê, Padre Ivo Oro, buscava fazer um levantamento histórico da Paróquia de Xanxerê. Localizou o Padre Junkersfeld, já idoso, em uma paróquia na Cidade de Matinhos, no Estado do Paraná, do qual recebeu algumas cartas. Em uma das cartas, Padre Junkersfeld relata:

Na cura das almas havia muitas dificuldades desde o início: a luta contra o espiritismo e superstições e ignorância religiosa, as brigas entre os colonos e posseiros da região e também mais ou menos cinco casas de mulheres fáceis. Consegui fechar uma destas casas com o auxílio do delegado local. Isso já chegou para ter alguns inimigos. A gente tinha às vezes a impressão que a frase: “Xanxerê, onde Deus não vê.” fosse verdade. (ORO, 1997).

Na narrativa do Padre Josef, podemos perceber algumas contradições. Na citação da Ata ele parece ter alcançado certo consenso, pois afirma que algumas pessoas “de bem” gostaram dos apelos, até mesmo conseguiu a adesão das “autoridades” para pedir ao Juiz o fechamento das casas. Já na correspondência, avalia os acontecimentos passados de outra maneira. A carta foi escrita 40 anos após o Livro Tombo, e a interpretação acerca dos acontecimentos pode ter sido reelaborada por exercício da memória. Quando afirma que, ao conseguir fechar uma das “casas” com o auxílio do delegado local, já chegou para ter alguns inimigos, evidencia que nem todos os cidadãos concordavam com o Padre no fechamento das “casas de perdição”.

Entre os trechos do documento, transcrevemos parte de sua própria narrativa sobre isso:

13-07-1952: Combate às casas de perdição. Aconselhados por pessoas de Bem ao pedido de 3 mulheres, li na Igreja matriz um protesto contra a presença de mulheres da vida, que sem vergonha passam na luz do dia nas ruas seduzindo e atraindo e procurando a nossa mocidade. Pedi assinaturas de todos dizendo: Quem não quizesse assinar, apoiava com essa atitude o mal, estando de acordo com esta porcaria maldita. Aonde estão os homens que dificulta estas casas! Se fôr preciso; comprem os terrenos. Si fossem os nossos comerciantes inteiramente católicos até a medula dos ossos, nem vendiam nenhum fio, muito menos levavam as mercadorias! Em vês de contragir chegam lá em turmas de 10 ou mais. Uns dizem: Pe. Vigário... deve ser, aliás certos camaradas seduzem as moças de boas famílias e honestas! – bem bom povo! Esta filosofia não me agrada, absolutamente não. Êste pecado é um vício e cria mais pecados, tira o respeito e prepara o Barbarismo dos soldados pagãos e comunistas na última guerra mundial, que violaram até freiras e anciãs de 80 anos e crianças na plena luz do dia! Os homens de hoje são raros! Sim, tem valentes em matar e maltratar as mulheres, cachaceiros, que lançam fora tudo, perdidos nôs jogos, caçadores que saem regularmente durante a missa dominical estes sábios, que não precisam da prática do Padre. Êstes malandros, que seja nos Bares, na rua, na estação, na linha ou nas oficinas abrem a boca para bestemar e pronunciar palavras maliciosas. Sim, temos homens que não tem medo de queimar hospitais e moradias... Mas... Deus me livre... Deixar chorar uma mulher da vida no ônibus isso é demais. Há de consolar seja por um abraço ou por um dinheiro...

estes são fatos! Sim tem bastantes, que criticam a contribuição da igreja, o zelo dum fabricante, que não poupa tempo ou dinheiro para ajudar obras eclesíásticas, mas jogam fora mensalmente fortunas nestas casas! [...] Este assunto repeti três vezes com toda a violência possível [...] (JUNKERSFELD, 1952, p. 16-17).

Na origem explicativa de tamanha combatividade do Padre Junkersfeld à prostituição em Xanxerê, buscamos entender a doutrina católica do matrimônio e as questões inerentes a ele vigentes naquele período. Outra variável que pode contribuir para a compreensão do problema é a trajetória do principal agente combativo, o Padre Junkersfeld.

Convém trazer presente que à época do fato, vigoravam na Igreja Católica as orientações normativas do Concílio Vaticano I, encerrado em 1870. O casamento tido como “jugo”. Nos meios rurais, jugo é uma peça de madeira utilizada para prender os bois à carroça ou arado. O casamento seria, portanto, algo nada natural, contra à vontade de ambos, ou que, forçosamente, aprendem a estarem unidos. O jugo pode ser entendido, ainda, como a submissão resultante do uso de força e opressão. Uma relação construída por obediência, mas que não é bilateral, pois quem obedece é a mulher, portadora do véu nupcial, símbolo de pudor e submissão.

Por fim, o casamento está ligado à casa, espaço privado, em oposição ao espaço público. Para além dos aspectos já mencionados do conceito doutrinário de matrimônio, talvez tenha sido este um dos aspectos que tanto incomodavam o Padre Junkersfeld em Xanxerê. As casas de prostituição, chamadas por ele de “casas de perdição”, estavam fora do controle doméstico. Para Orlandi (2011), a relação entre a casa e a rua, é política e social. Em seu artigo, Orlandi analisa a relação social que se estabelece em diferentes condições entre a casa e a rua e os sujeitos. Para a autora, os modos de vida e os processos de significação pelos sujeitos dos espaços público e privado, casa e rua, não estão separados, o que faz sentido no caso analisado, pois, se a presença das “casas de perdição” incomodava o Padre Junkersfeld, havia grupos que não compartilhavam da mesma visão.

Como ultimato, o Padre promoveu um abaixo-assinado pedindo o fechamento das casas de “perdição”, mas ninguém assinou. Os conflitos tomaram tamanha proporção sobretudo por causa da atitude do Padre Junkersfeld em ler na Igreja os nomes dos chefes de família que não assinaram o abaixo-assinado para o fechamento das “casas”, logo, tal atitude foi interpretada pelo Padre como homens católicos defendendo o funcionamento de tais casas por serem frequentadores. O Padre passou a ser ameaçado de morte e, de forma indireta, foi avisado por uma beata em confissão, de que seu marido estava preparando algo de ruim.

Para os “homens de bem”, católicos da sociedade local, a existência das “casas de perdição” e de suas atividades talvez não fosse tão incômoda como o era para o Padre. Não temos como saber o que eles pensavam sobre o assunto, pois isso não foi registrado pelo Padre Junkersfeld no Livro Tombo. Mas temos bons argumentos para afirmar que eles apreciavam a existência das “casas de perdição”. Isto é evidenciado quando o Padre propôs o abaixo-assinado para juntar forças e solicitar às autoridades públicas o fechamento das casas. Os “homens de bem”, especialmente os paroquianos sob os cuidados de direção espiritual do Padre, não assinaram. Não houve uma assinatura sequer. As assinaturas das mulheres não eram cogitadas, somente as assinaturas masculinas eram tidas como válidas.

O silenciamento masculino é também revelador. Para Orlandi (2005), os sentidos podem ser lidos no texto mesmo não estando ali. Não foi dito, mas foi significado. “[...] há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer.” O Padre Junkersfeld não foi vencido pela ausência das assinaturas no abaixo-assinado, pois, como revanche aos “homens de bem” que se recusaram a colocarem no papel suas assinaturas, o Padre leu publicamente, ao final da missa, os nomes dos membros da igreja, contribuintes dizimistas, não assinantes. Mais uma vez nos reportamos ao conceito de público e privado, que para Orlandi estão unidos. Pode-se dizer que a intimidade, a sociabilidade, a hostilidade, a ruptura, a segregação, o equívoco e a contradição são aspectos que podem continuar a ser explorados nessa análise.

Quanto aos seus “inimigos”, em carta ao Bispo de Palmas, em 09 de março de 1953, houve uma reunião no Bar Internacional, onde alguns fabricantes convidaram o Pe. Luiz Heinen, pároco de Vargêão, Cidade vizinha, para uma conversa. Propuseram ao Bispo Dom Carlos Sabóia Bandeira de Mello, Bispo da Prelazia de Palmas, generosa doação em dinheiro para a construção do seminário, se o padre Junkersfeld fosse removido de Xanxerê (ORO, 1997, p. 3).

No início do mesmo ano, ocorreu a Visita Pastoral no Reitorado do Senhor Bom Jesus, pelo então Bispo da Prelazia de Palmas, Dom Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Melo, para verificar de perto os motivos dos conflitos, bem como o andamento dos trabalhos de ação e evangelização.

Acerca dessa visita, o bispo relatou no Livro Tombo III, p. 21: “Elogiamos o empenho com que o Revmo. Reitor desta Igreja consigna os principais fatos ocorridos desde sua vinda para cá. [...] Sabemos também com que energia ele trabalha para afastar escândalos, contra os quais se indignava com justiça a boa índole do povo [...]”

Nas páginas seguintes do relatório da visita pastoral, o Bispo continua a elogiar as ações do Padre Josef Junkersfeld. Certamente o Bispo teve uma boa impressão do Padre Josef, pois este colocava em prática o que as diretrizes da Ação Católica propunham. Na questão de números, é relatada a quantidade de confissões, comunhões, batizados, casamentos e crismas realizados pelo Bispo em sua visita na Igreja Senhor Bom Jesus e nas demais localidades. Algo singular e curioso ocorreu em relação às crismas e confissões, considerando que a quantidade de comunhões era duas vezes menor. Também intrigante é o fato de, em uma nota de rodapé da página 20 do Livro Tombo, constar o atendimento a 42 indígenas, não especificando que tipo de atendimento, nem quais sacramentos foram ministrados a estes, revelando um certo preconceito ou descaso da Igreja em relação aos indígenas, que nos registros oficiais católicos não tinham tanta importância quanto os migrantes.

A visita do Bispo não representou um acontecimento impulsionador do progresso apenas para o campo espiritual do catolicismo local, mas também para o campo político. A hierarquia católica da verticalidade, ou seja, de cima para baixo, era vista pelos fiéis como unilateral. O fato de a Igreja de Xanxerê ter sido visitada pelo Bispo representou algo muito importante, pois a influência vinda de fora podia auxiliar no impulso ao progresso. A Igreja ainda não era Paróquia, era apenas Igreja Reitorada, ou seja, ainda não cumpria todos os requisitos necessários para ser elevada a Paróquia, assim como a Cidade ainda não era Município e dependia administrativamente de Chapecó. Portanto, a visita do Bispo também foi um fator que culminou no movimento emancipacionista no ano 1953.

Como deliberação da visita do religioso à Xanxerê, foram enviados Missionários Capuchinhos com a finalidade de reforçar a religiosidade católica entre os moradores de Xanxerê, difundindo as práticas religiosas de forma a amenizar as reclamações ao Padre Junkersfeld. As Missões dos Capuchinhos são caracterizadas pela visita e pregações temporárias dos missionários nas paróquias. A Congregação dos Frades Capuchinhos era bastante numerosa no Rio Grande do Sul, e, portanto, a ação daqueles religiosos era bastante conhecida entre os imigrantes em Xanxerê.

Do ponto de vista institucional, pode-se afirmar que as Missões representavam para a Igreja Católica um momento de doutrinação dos fiéis, principalmente em relação à observância das normas morais. No Livro Tombo de 03/02/1952 consta que durante as missões, o número de confissões foi de 1.768. A confissão era, sem dúvida, um dos mecanismos de vigilância sobre a conduta moral dos fiéis, conforme transcrição de trechos do “manual do confessor”, um livro editado em 1930, encontrado no arquivo da paróquia; era um roteiro do padre confessor, que dirigia as perguntas ao penitente, que deveria responder afirmativamente ou não:

9. Tem tido más (sic) pensamentos? Tem consentido nelles? – Deu ocasião a elles por meio de leituras? – De gravuras? – de curiosidades perigosas? [...] 12. Houve alguma cousa por obras contra a castidade? – comsigo (sic) mesmo? Com outras pessoas? Tocando-as? Directamente? Com as mãos? E também de algum outro modo? Foram actos completos? Com pessoa casada? Com pessoas diversas? Com pessoas solteiras? Nunca se confessou disso? Há muito tempo tem esse hábito? [...] (D'ERBIGNY, 1930, p. 77).

Após a confissão, geralmente o padre fazia uma exortação ao penitente, para que se arrependesse e que evitasse as ocasiões de pecado e resistisse às tentações. Alertava-o para a frequência à missa e aos demais sacramentos, afirmando que, se o penitente for verdadeiramente católico, a confissão produzirá conversão. Tais concepções se manifestavam em Xanxerê de diversas maneiras, entre elas um impasse entre o Padre Josef Junkersfeld e os homens cidadãos católicos. Padre Junkersfeld já havia tentado, em vão, por várias vezes e de diversas formas fechar as casas de prostituição ou “casas de perdição”. Entre as estratégias, estava a ajuda policial. Não obtendo êxito, fez um abaixo-assinado, ameaçando que quem não assinasse apoiava “o mal”, como ele mesmo afirma no Livro Tombo:

Este pecado é um vício e cria mais pecados, tira o respeito e prepara o Barbarismo dos soldados pagãos e comunistas na *última* Guerra mundial, que violaram até freiras e anciãs de 80 anos e crianças na plena luz do dia! Os homens hoje são raros! Sim, tem valentes em matar e maltratar as mulheres, cachaceiros, que lançam fora tudo, perdidos nos jogos [...] (JUNKERSFELD, 1952, p. 16).

Quando Padre José afirma que a prostituição “prepara o Barbarismo dos soldados pagãos e comunistas na última Guerra mundial”, embora o alvo dos ataques seja diretamente as “casas de perdição”, está permeando o imaginário de seus fiéis com a pior representação possível do socialismo. Para ele e para a Igreja Católica o socialismo era algo inimigo do gênero humano e precisava ser banido da sociedade. O clero vibra com a cassação do Partido Comunista pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 1947. Mas, mesmo assim, seria alvo de ataques por parte do catolicismo brasileiro (PIERUCCI, 2004, p. 508).

Mesmo na ilegalidade, o Partido Comunista é alvo de ataques católicos, que o viam como mais perigoso ainda, pois não se sabia onde estavam os inimigos. Gostaríamos de contextualizar que em nível mundial vivíamos, na década de 1950, o auge da Guerra Fria, e o que representava ameaça para a Igreja não era o comunismo internacional. Este não poderia entrar no País, pois havia mecanismos que o impediam, mas o que estava dentro do País era disfarçado. A Igreja Católica se autoafirmava no combate ao comunismo e ao espiritismo (MOTTA, 2002).

No contexto da ideia de “progresso”, presente no imaginário dos colonizadores, temos também a vinda das Irmãs para Xanxerê e a abertura de um Colégio Católico, como uma expressão dessa representação. O desejo de ter uma congregação de Irmãs e um educandário católico na Cidade já era antigo. No Livro Tombo n. I, de 1951, o Padre Junkersfeld afirma ter mandado carta ao Bispo da Prelazia, em Palmas, Dom Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Mello, solicitando a vinda de religiosas. Informa ao Bispo ser este um pedido do grupo de fabriqueiros, assim chamados os encarregados da construção do prédio para abrigar as referidas Irmãs. “Tratando-se dum movimento em prol do desenvolvimento educacional e religioso, encontrei por parte das pessoas presentes à reunião a maior boa vontade [...]” (JUNKERSFELD, 1952, p. 13).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos propusemos no início deste ensaio a construir uma narrativa sob o olhar da representação. A novidade neste texto não está nas fontes apresentadas, aliás, Livros Tombos e arquivos paroquiais são espaços privilegiados de pesquisa aos historiadores há muito tempo. No entanto, a maneira como tratamos as narrativas do Padre Junkersfeld no Livro Tombo é que caracterizam nossa escrita como uma história cultural. Aqui, compartilhamos da ideia de Darnton (1987) de que a representação é construída na maneira como as pessoas comuns organizam a realidade em suas mentes e, sobretudo, as materializam nos comportamentos e práticas.

Para Chartier (1990) as representações são as maneiras como uma determinada realidade é construída e dada a ler. Portanto, aponta para uma “história cultural do social que tome por objeto as representações do mundo social”, ou seja, a análise do autor desloca-se de uma história social da cultura para uma história cultural do social. Para ele, códigos e padrões de crenças e comportamentos são compartilhados (representação social) e podem mudar de sentido. A construção histórica deles foi determinada pelas relações de poder e conflitos de interesse dos grupos sociais. Ao pesquisar a história da escrita, Chartier afirma que as representações são expressas nos discursos. Portanto, o registro escrito do Padre Junkersfeld sobre a prostituição em Xanxerê está carregado de tensões, crenças e comportamentos expressos e ocultos, que nos são importantes para compreender aspectos daquela realidade histórica.

Roger Chartier não é um analista do discurso, ou seja, para ele o discurso não traz uma verdade intrínseca a ele mesmo. Mas são representações, e enquanto tais, não são a configuração social no tempo e espaço, mas reflexos que, em conjunto com as práticas, atribuem sentidos (representações coletivas e identidades sociais).

Quanto ao Padre Junkersfeld e seu discurso no combate às casas de prostituição, nos é evidente uma realidade social permeada de representações coletivas acerca da prostituição. Nos leva a acreditar que os moradores de Xanxerê estiveram desde o início do povoamento do vilarejo convivendo com a existência de casas de prostituição. No final do século XIX e início do século XX, o vilarejo foi sede da Colônia Militar Chapecó. É mister que os soldados de alta e baixa patente, pelos menos na fase de implantação das atividades militares, buscassem diversão e alívio para a solidão

sertaneja em casas de prostituição. Aliás, não seria a Vila Militar um atrativo para o estabelecimento de tais mulheres nas redondezas? Segundo Padre Junkersfeld, havia várias casas dedicadas à mais antiga das profissões, em Xanxerê, nos anos 1950. Após a desativação da Colônia Militar, a Vila de Xanxerê continuou a ser referência no caminho das tropas, abrigando provisoriamente peões boiadeiros em busca de acampamento. Por certo, a existência das casas com mulheres à disposição se tornava um atrativo.

Entre o dito e o não dito, precisamos ainda considerar mais dois aspectos. O Padre Josef Junkersfeld morava com a mãe, Dona Sofia, e, por ser clérigo, era celibatário, *portanto vigilante da castidade*.

Diante de um conceito de resignação, especialmente contra a natureza humana, podemos também cogitar a possibilidade de qual seria a postura do Padre Junkersfeld sobre a prostituição em Xanxerê caso não residisse com ele a mãe idosa. Ele, na condição de clérigo, celibatário, estava proibido ao casamento. Mas, porventura, *não poderia, às escondidas*, frequentar as tais casas tão combatidas por ele? O que, exatamente, motivava o Padre Junkersfeld a combater a prostituição? Sua trajetória na Alemanha? Influência da mãe, também alemã? Ou, então, alguma senhora católica da cidade, sofredora por saber que seu esposo frequentava tais casas, que relatava isso ao padre no confessional? Estes e outros questionamentos têm o alcance das respostas limitado neste recorte, embora não deixem de ser provocantes.

A frase “Xanxerê, onde Deus não vê” nos revela uma reinterpretação posterior do Padre Junkersfeld sobre Xanxerê. Lembra-se na correspondência das dificuldades, usando a frase-adágio de Frei Bruno Linden, de Xaxim, para legitimar a maneira de lembrar aquele período histórico, como um período de decadência da Cidade e as dificuldades de implantar uma moral nos padrões do Concílio de Trento (1545-1563).

Segundo o relato do Livro Tombo, a 15 de abril de 1953, às 6 horas da madrugada e debaixo de chuva, Pe. José e sua mãe fugiram para Laranjeiras do Sul no Estado do Paraná, por medo das ameaças e sem ter conseguido fechar as tais casas.

Após a mudança do Padre Junkersfeld, Xanxerê recebeu a visita de dois bispos: Dom Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Melo, bispo de Palmas, e Dom Cláudio Colling, de Passo Fundo. Em 21 de abril, Dom Carlos convidou o Pe. Luiz Heinen, vigário de Vargeão a aceitar também a direção da Paróquia de Xanxerê. Este aceitou mediante a confirmação de que receberia logo em seguida dois padres coadjutores: Padre José Stratmann e Padre Afonso Griebler. Então, a partir de abril de 1953, o reitorado de Xanxerê ficou sob a direção do Padre Luiz Heinen.

É muito comum se ouvir de pessoas mais velhas, em Xanxerê, expressões como: “O padre que teve que fugir de madrugada!”, “O padre que casou com a secretária”, entre outras. Sobressaem-se principalmente os conflitos internos da Instituição Católica, representada pelos padres, freiras e fiéis geralmente migrantes gaúchos. Conflitos gerados primordialmente pela disputa de espaço das representações de catolicismo. O imaginário do Padre estava baseado nas diretrizes do catolicismo influenciado pela Ação Católica Brasileira, extremamente conservadora e, principalmente, anticomunista. Os fiéis, por sua vez, tinham por ideal um catolicismo devocional permeado pela ideia de “progresso”.

### ***Celibacy, prostitution and representations: the Father Junkersfeld and the combat to the “houses of perdition” in Xanxerê in the 1950s***

#### ***Abstract***

*The essay deals with the actions of Father Josef Junkersfeld, the first priest residing in Xanxerê, in 1950, in the fight against local prostitution houses. The proposal evidences the priest's attitudes that led to conflicts with the residents of the village of Xanxerê. Methodologically, we list the events narrated by Father Junkersfeld and his successor, Father Luiz Heinen, in the Tombo Book of the Church of Xanxerê, to which we had access and use it as the main source of analysis. We intend to construct a narrative lending concepts of Roger Chartier in *The world as representation*, and other authors, in the search of understanding of the conflicts of the priest with the residents as collisions of the different representations of Catholicism.*

*Keywords: Catholicism. Prostitution. Cultural representations.*

## REFERÊNCIAS

- AZZI, R. **O altar unido ao trono – um projeto conservador**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- BELLANI, E. M. **A política no velho Chapecó**. Chapecó: Litoprint, 1990.
- BORDINHÃO, O. **Nossa História, Nossa Gente**. Chapecó: Gráfica Royal, 1996.
- BOULENGER, A. C. **Doutrina Católica**: manual de instrução religiosa. São Paulo: FTD, 1950.
- CHARTIER, R. **História Cultural – Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.
- DARNTON, R. **O grande massacre dos gatos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- D'ERBIGNY, A. M. **Methodus Optica pro Confessione Integra et Matrimonio**. 8. ed. Gabriel Beauchesne: Éditeur a Paris, 1930.
- HEINEN, L. **Colonização e desenvolvimento do Oeste de Santa Catarina**: aspectos sócio-políticos, econômicos e religiosos. Joaçaba: Ed. Unoesc, 1997.
- JUNKERSFELD, J. **Livro Tombo n. 1 (1933-1960)**. Paróquia Senhor Bom Jesus. Xanxerê. Manuscrito.
- ORLANDI, E. P. A casa e a rua: uma relação política e social. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 693-703, set./dez. 2011.
- ORLANDI, E. P; PUCCINELLI, E. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- ORLANDI, E. P; PUCCINELLI, E. **As formas do silêncio**: no movimento de sentidos. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- ORO, I. P. **Paróquia Senhor Bom Jesus – Xanxerê**. 1997. Texto histórico provisório e de uso interno pela Igreja do município.
- MOTTA, R. P. S. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.
- RENK, A. **A luta da erva**: um ofício étnico no Oeste Catarinense. Chapecó: Grifos, 1997.
- PIERUCCI, A. F. de O. Igreja Católica: 1945-1970. In: FAUSTO, B. (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Bertrand Brasil, 2004.